

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA A DISTÂNCIA – PEAD**

Carem da Silva Mengue

**A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE CONTOS DE FADAS NA RESOLUÇÃO DE
DRAMÁTICAS DE MEDO**

Pólo Três Cachoeiras

2010

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA A DISTÂNCIA – PEAD**

Carem da Silva Mengue

**A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE CONTOS DE FADAS NA
RESOLUÇÃO DE DRAMÁTICAS DE MEDO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Carla Beatriz Meinerz

Tutora: Márcia Sanocki Stormowshi

Pólo Três Cachoeiras

2010

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de conclusão de curso a minha amada filha Bárbara, pela compreensão de minha ausência, pelo incentivo, atenção e carinho.

Este trabalho é por você!

“... TODOS NÓS, FALHOS, QUE ACREDITAMOS QUE O AMOR GOVERNA. LEVATEMOS-NOS E DEIXEMOS QUE ELE BRILHE”.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a DEUS e a sua imensa bondade em minha pequena existência de poder realizar este sonho.

Aos meus familiares que comigo compartilharam os momentos cruciais deste curso e a incessante busca do aperfeiçoamento profissional.

Ao longo destes quatro anos e meio de curso, experiências enriquecedoras foram construídas. E se antes cursar uma Licenciatura pela UFRGS era um sonho, o mesmo se tornou realidade, desta forma quero agradecer com o mais sincero sentimento aos sonhadores e idealizadores deste curso à distância.

A todos os professores que passaram muito mais que teorias, ensinamentos que levarei para a vida inteira.

As amigadas construídas nestes anos e ao grupo de estudos especificamente que acompanhavam este processo.

Quero agradecer também a todos os colegas profissionais da Escola Municipal de Ensino Fundamental Fernando Ferrari em que atuo como docente, que desde então, não conheceram uma *Carem* que não estivesse preocupada e ansiosa pelas atividades e reflexões a cerca do seu curso de Pedagogia.

Aos alunos com que tive o prazer de construir aprendizagens ao longo destes anos e que estarão para sempre em meu coração.

As incansáveis orientadoras deste trabalho: Carla Beatriz Meinerz e Márcia Sanocki Stormowshi e a querida professora Nádie Cristina Machado Spence.

MUITO OBRIGADA!

“Um sonho que se sonha só é só um sonho, mas sonho que se sonha junto é realidade!”. Raul Seixas

RESUMO

O presente trabalho tem como fundamentação o reconhecimento da utilização de contação de contos de fadas na resolução de dramáticas de medo. Assim, destaca-se o problema desta pesquisa: “Como a literatura infantil contribui na construção de hipóteses para solucionar dramáticas vivenciadas pelos medos no processo de alfabetização?”. As argumentações teóricas que se sobressaem neste estudo são: Bruno Bettelheim no seu livro: “A psicanálise dos contos de fadas”, que aborda tematicamente vários contos de fadas e sua importância, mas enfatiza também a grande influência na vida de cada deste gênero literário. Fanny Abramovich que em seu livro “Gostosas e bobices” enfatiza a importância da contação de histórias como um momento mágico que podemos propiciar em sala de aula. Ana Maria Machado que em seu livro “Como e porque ler clássicos universais desde cedo” nos faz refletir sobre as influências da mídia e modernidades contemporâneas que não ultrapassam nunca a influência positiva dos contos de fadas. Yves de La Taille, que através do pensamento de Piaget nos relembra das fases de heteronomia das crianças e a conexão do medo como um sentimento próprio, importante, mas que deve ser ultrapassado. Desta forma, o presente trabalho evidencia a análise de relato de experiência de estágio em pedagogia numa turma do primeiro ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Fernando Ferrari, destacando as vivências de um aluno denominado MMM. Reflete teoricamente a trajetória deste aluno após a contação de “Chapeuzinho Amarelo”, Chico Buarque, sua escuta e identificação com a problemática da mesma, iniciando um processo de enfrentamento de seus medos. Esta obra aborda a temática do medo de uma forma especial em que a criança se identifica com a linguagem simples e lúdica dos contos de fadas. Neste processo de análise, fica evidente o crescimento da autonomia do educando MMM a partir desta contação, pois os contos de fadas são obras literárias capazes de auxiliar o educando em seu processo cognitivo e intelectual, já que apresentam histórias com conflitos cotidianos, levando aos leitores a se visualizarem dentro do conto que esta lendo ou ouvindo.

Palavras chaves: Autonomia, conto de fada; medo; alfabetização e letramento.

ABSTRACT

The present work has as foundation the recognition of the use of telling fairy tales in dramatic resolution of fear. Thus, there is the problem of this research: "As children's literature contributes to the construction of hypotheses to address the fears experienced by the dramatic process of literacy?". The theoretical arguments that stand out in this study are: Bruno Bettelheim in his book: "Psychoanalysis of fairy tales", which deals thematically various fairy tales and their importance, but also emphasizes the great influence in the lives of each of this literary genre. Fanny Abramovich who in his book "Trick Bobic and" emphasizes the importance of storytelling as a magical moment that we can provide in the classroom. Ana Maria Machado, who in his book "How and why reading classic literature early" makes us reflect on the influences of contemporary media and modernity than never exceed the positive influence of fairy tales. Yves de La Taille, who thought by Piaget reminds us of doing heteronomy of children and the connection as a feeling of fear itself important, but which must be overcome. Thus, this work shows the analysis report of internship experience in teaching a class the first year of the School of Basic Education Fernando Ferrari, highlighting the experiences of a student called MMM. Theoretically reflects the trajectory of the student after the telling of "Yellow Riding Hood", Chico Buarque, listen to and identification with the same problem, initiating a process of facing your fears. This work addresses the theme of fear in a special way in which the child identifies with the simple language and fun of fairy tales. In this process of analysis, it is evident the growth of autonomy of the student MMM from this telling, because fairy tales are literary works that can assist the student in his intellectual and cognitive process, since they present stories with everyday conflicts, taking readers to visualize the inside story that she was reading or listening.

Keywords: Autonomy, fairy tale, fear, literacy and literacy.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2 TEORIAS QUE REFLETEM A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS	10
2.1. O que é um conto de fadas.....	10
2.2 A importância da contação de contos.....	11
2.2.1 A influência dos Contos de Fadas no processo de Alfabetização e Letramento	14
2.3. O medo.....	17
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	22
3.1. A escola e especificamente a turma de estágio curricular.....	23
3.3 Estudo de caso: MMM e sua heteronomia	26
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
5. REFERÊNCIAS.....	31
6. ANEXOS.....	32

1. INTRODUÇÃO

O universo da literatura infantil apresenta diversas obras significativas ao processo de aprendizagem, mas o intuito deste estudo é analisar as literaturas não didáticas, particularmente o conto: Chapeuzinho Amarelo de Chico Buarque. A análise e interesse pelas dramáticas vivenciadas particularmente no processo de alfabetização iniciam a partir da convivência de um educando rodeado de medo gerando nele uma não autonomia nas mais variadas atividades em sala de aula. Neste processo, surge a questão de meu trabalho: “Como a literatura infantil contribui na construção de hipóteses para solucionar dramáticas vivenciadas pelos medos no processo de alfabetização?”.

Para tanto, elaborou-se os seguintes objetivos: Relacionar e dialogar com teorias frente às dramáticas de medos vivenciadas por alunos e o auxílio através da literatura infantil, especificamente no processo de alfabetização; e Analisar a obra e experiência da literatura Chapeuzinho Amarelo através de minha prática no estágio.

O medo como bem se sabe gera barreiras insuperáveis, desconforto e calafrios, mas na medida em que nos propusermos a ultrapassá-los passa a ser um aliado a outras conquistas.

Sabendo então da importância de um momento de contação de histórias e a percepção, interpretação e co-relação que o educando consegue fazer analisando sua problemática que o mesmo vivencia, realizei durante o estágio curricular com uma turma de primeiro ano a contação desta magnífica história. Desta forma pude então acompanhar a importância da literatura infantil nas dramáticas de medo no processo de alfabetização e ainda a evolução deste aluno especificamente que após a contação do conto: Chapeuzinho Amarelo começou a desbravar-se com seus medos e inicia a construção de hipóteses estando até o fim do estágio curricular no nível silábico alfabético de leitura e escrita de palavras.

A evidência do crescimento de sua apropriação de leitura e escrita está inteiramente ligada a esta contação que o mesmo vivenciou, pois com esta o mesmo pode interiorizar e refletir sobre seus medos. As aprendizagens ocorrem a partir da relação do sujeito com o meio nos afirma Piaget, desta forma estamos em constante

aprendizagem desde que nascemos até a nossa morte. No entanto na fase em que o educando chega à escola ele amplia os seus conhecimentos da mesma forma em que atua como autor de tal. Desde a introdução do aluno MMM aqui relatado e analisado como experiência de estágio, percebi que o mesmo teria que defrontar-se e perceber-se como construtor de aprendizagens sociais e intelectuais para que estas de fato acontecessem.

2 TEORIAS QUE REFLETEM A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS

2.1. O que é um conto de fadas

Os contos de fadas são obras literárias que existem desde os primórdios, na época que a literatura infantil era vista de um modo menor. Sua origem é imprecisa e não há como citar uma data precisa. São antigos relatos de camponeses com contextos de aventuras e pornografias, sendo assim, não indicados para menores, mas que sofreram adaptações no intuito de expandir as histórias que continham sempre algum contexto simbólico.

Os contos que hoje conhecemos surgiram a partir do século XVII através de Charles Perrault. O mesmo passa a difundir-las não como o criador destas, mas para dar eloquência à corte do Rei Luiz XIV. Perrault faz uma análise dos contos populares e uma edição dos temas cabíveis a sociedade. Após então, ele agrega as fadas que idealizavam as mulheres dos sonhos e tantos outros temas semelhantes à ideologia de pessoas e situações. São histórias narrativas em que os problemas cotidianos aparecem por intermédio do amor. O amor, sentimento único e majestoso, sempre prevalece nessas obras, marcados pelo encontro após o vencimento de grandes armadilhas provocadas pela maldade de alguém. São histórias riquíssimas com estrutura simples com fatos e relatos claros e evidentes. Bettelheim nos afirma:

Através dos séculos (quando não dos milênios)... os contos de fadas, sendo recontados, foram-se tornando cada vez mais refinados, e passaram a transmitir ao mesmo tempo significados manifestos e encobertos - passaram a falar

simultaneamente a todos os níveis da personalidade humana, comunicando de uma maneira que atinge a mente ingênua da criança tanto quanto a do adulto sofisticado. (Bettelheim, 2002, p. 6).

Seus personagens firmes e com características pessoais e marcantes atingem fortemente a idéia de leitores infantis. Acabam acertando em cheio as fantasias destas, dando credibilidade as suas imaginações. E por esta razão de fascínio, a “fantasia” é considerada a literatura mais propícia para a formação de crianças e até mesmo a influência e /ou transformação de personalidades.

Os contos de fadas são considerados patrimônio da humanidade e mesmo escrito em épocas retrógradas são facilmente compreendidas e identificadas como tal por seus leitores.

2.2 A importância da contação de contos

Ao longo de meus estudos desde o magistério e então a explanação dos conceitos estudados no curso de Licenciatura em Pedagogia fica pertinente a importância de propiciar contação de histórias aos educandos. Tal ação é historicamente antiga, sabe-se que as histórias são ao longo dos tempos contadas e recontadas por alguém no intuito de prolongar vivências, lembrar fatos e ou culturas que não devem ser esquecidas. No entanto, sabe-se que para o desenvolvimento intelectual de uma criança ouvir histórias é propiciar a mesma a vivência de um momento mágico. Fanny Abramovich destaca: “Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...” (1997, p.17).

A criança em sua plena formação de caráter e personalidade é guiada pelos seus responsáveis, e após pelos ambientes em que se socializará e que ajudaram no desenvolvimento cognitivo e intelectual.

A noção de que o gosto pela leitura começa a ser formado ainda no berço, e que a família é a primeira incentivadora, é um consenso entre estudiosos do assunto. Desde pequenas, as crianças entram em contato com as primeiras formas

literárias que por muitas vezes chegam através de canções para ninar. Paralelamente escutam as primeiras narrativas de ficção, histórias sobre animais, brinquedos e contos de fadas. E esse reconhecimento “bagagem literário” é nada desprezível, pois com este contato, as crianças ampliam seu imaginário bem como as aguçam ao processo de leitura.

O fato é que muitas crianças ouvem histórias, mas não há ainda por parte dos seus responsáveis, mesmo por questões culturais e ou de acesso um processo na escolha destas histórias e então a função da escola aprofunda-se nesta questão: propiciar contações ricas no contexto literário infantil em que o aluno possa conhecer e explorar várias histórias e ou temas. A escola então passa a ter esta riquíssima contribuição na vida de uma criança.

Ouvir uma história é sempre uma boa viagem. E as viagens mais distantes são sempre por nós as mais desejáveis, seja por fascínio ao então desconhecido ou pela vontade de apenas conhecer para após reconhecemo-nos também. Mas, no entanto o educador ciente da importância da contação de história deve propiciar uma contação rica em detalhes e conhecimento da própria história.

Na hora de contar histórias, Celso Sisto em seu livro “Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias” nos fala sobre a importância do momento da contação, como a exploração de vozes, o estudo da história antes da contação, entre outros.

O mesmo cita algo muito importante e pertinente neste processo que se trata da não explicação da história. Histórias não devem ser explicadas, elas são sentidas e internalizadas, assim, a criança consegue absorver a identidade da história bem como pode formular sua própria interpretação frente aos fatos relatados e/ou escutados.

Existe coisa melhor do que ouvir histórias começadas por “Era uma vez...”?

E nessa viagem de uma vez que nossos pensares voam ao encontro da literatura dos contos de fadas, onde príncipes e princesas de reinos distantes, de fadas e bruxas, de bichos e florestas encantadas que flui toda imaginação de uma criança. Desta forma, os contos de fadas são originalmente uma excelente opção literária. Ana Maria Machado nos fala sobre o uso de literaturas de contos de fadas:

Essas histórias sempre funcionaram como uma válvula de escape para as aflições da alma infantil e permitiram que as crianças pudessem vivenciar

seus problemas psicológicos de modo simbólico, saindo mais felizes dessa experiência. Davam-lhes a certeza de que no final tudo acabava bem e todos iam ser felizes para sempre. Tratam do medo do abandono e da rejeição (como nos dois contos que acabamos de citar ou em *O Patinho Feio*), da rivalidade entre irmãos (como em *Cinderela* ou *A Bela e a Fera*), da vontade de ocupar o lugar do pai ou da mãe. Refletem os eternos conflitos das crianças com imagens contraditórias que tem dos pais, ora vistos como bons e justos, provedores e protetores (reis, cavaleiros, fadas, gênios), ora temidos como entidades muito mais fortes, poderosas, autoritárias e cruéis (gigantes, lobos, dragões, bruxas, madrastas). (MACHADO, 2002, p.79-80)

A autora também evidencia em suas palavras as afirmações de Piaget quando o mesmo nos exemplifica os estágios de desenvolvimento das crianças.

As crianças na faixa etária de 2 aos 7 anos de idade encontram-se no estágio pré-operatório, onde as marcas pelo egocentrismo são guiadas pelas percepções da realidade, mas conseguem estabelecer relações de conceitos como: bom, mau, bonito, feio como nos traz os contos de fadas. E no momento em que seu egocentrismo prevalece, a criança consegue ainda estabelecer uma íntima relação entre o conto e ela. Piaget nos fala da importância da realidade em que cerca nosso aluno, encaminhando as aprendizagens através de um tema gerador que advém de um histórico de cada indivíduo. Desta forma, a literatura infantil é intencionalmente os contos de fadas tornam-se simbólico para o aluno, interligando seu estágio de desenvolvimento. Bruno afirma:

O conto de fadas não poderia ter seu impacto psicológico sobre a criança se não fosse primeiro e antes de tudo uma obra de arte.
Os contos de fadas são ímpares, não só como uma forma de literatura, mas como obras de arte" integralmente compreensíveis para a criança, como nenhuma outra forma de arte o é. Como sucede com toda grande arte, o significado mais profundo do conto de fadas será diferente para cada pessoa, e diferente para a mesma pessoa em vários momentos de sua vida. A criança extrairá significados diferentes do mesmo conto de fadas, dependendo de seus interesses e necessidades do momento. Tendo oportunidade, voltará ao mesmo conto quando estiver pronta a ampliar os velhos significados ou substituí-los por novos. (BETTELHEIN, 2002, p. 12).

Na verdade os contos de fadas são narrativas em que os poderes mágicos tão alusivos as crianças estão presentes. São obras de arte em palavras, que vão desde a sabedoria popular, as fantasias aos problemas cotidianos e originais de cada indivíduo. Este autor ainda descreve que

quanto mais tentei entender a razão destas histórias terem tanto êxito no enriquecimento da vida interior da criança, tanto mais percebi que estes contos, num sentido bem mais profundo do que outros tipos de leitura, começam onde a criança realmente se encontra no seu ser psicológico e emocional. Falam de suas pressões internas graves de um modo que ela inconscientemente compreende e - sem menosprezar as lutas interiores mais sérias que o crescimento pressupõe - oferecem

exemplos tanto de soluções temporárias quanto permanentes para dificuldades prementes. (BETTELHEIN, 2002, p.6)

Desta forma fica notável a percepção da importância da contação de histórias de conto de fadas para o desenvolvimento da criança nos vários sentidos necessários ao seu desenvolvimento intelectual: lógico, crítico, criativo e moral.

Os contos de fadas são decisivos para a formação da criança. Com eles a criança consegue relacionar o mundo em sua volta e a si mesmo. A ambigüidade em que difere as personagens entre boas e más, feias e belas, poderosas ou fracas, etc, levam ao entendimento básico da conduta humana e do convívio social. E essa visão não é de forma alguma prejudicial à criança na medida em que ela percebe, através da linguagem simbólica, que as pessoas não são o tempo todo boas ou más, e que o conto é como a vida, guiada pela conduta que optamos ter. Adentrar no mundo dos contos de fadas é estar o tempo todo no imaginário e no real da vida cotidiana.

Os contos de fadas mantêm uma estrutura fixa. Partem de um problema vinculado à realidade (como estado de penúria, carência afetiva, conflito entre mãe e filho), que desequilibra a tranqüilidade inicial. O desenvolvimento é uma busca de soluções, no plano da fantasia, com a introdução de elementos mágicos (fadas, bruxas, anões, duendes, gigantes etc.). A restauração da ordem acontece no desfecho da narrativa, quando há uma volta ao real. Valendo-se desta estrutura, os autores, de um lado, demonstram que aceitam o potencial imaginativo infantil e, de outro, transmitem à criança a idéia de que ela não pode viver indefinidamente no mundo da fantasia, sendo necessário assumir o real, no momento certo”. (ABRAMOVICH, 1994, p.120).

Neste sentido, os contos de fadas são histórias que possuem início, meio e fim, contextualizados e de acordo com as questões necessárias para a produção de uma bela história e acima de tudo trata-se de uma problemática agregada à realidade. Assim, faz se necessário que os educadores realizem contação dos contos de fadas onde os alunos ficam fascinados pelas estórias, mexendo com suas emoções.

2.2.1 A influência dos Contos de Fadas no processo de Alfabetização e Letramento

É de significativa importância a leitura de Contos de Fadas para o processo cognitivo e psicológico das crianças, pois estas desde muito cedo sabem que o mundo real raramente é justo, e encontram nos Contos de Fadas recompensas para os bons e, severos castigos para os injustos, sempre com um final feliz. Os elementos narrativos dos contos de fadas funcionam como importantes metáforas para as crianças, despertando nelas sua capacidade de simbolizar e desenvolver a linguagem, o que contribui para ampliar as representações de mundo e a construção de significados socioculturais pela própria criança.

Como vimos neste trabalho, os Contos de Fadas encantam, a estrutura narrativa obedece a um esquema composto por situação inicial, com a apresentação de príncipes, heroínas, personagens animais, princesas e bruxas, em seguida vem o conflito, provocado por intenções maldosas de vilões contra os bons personagens o que dá origem a uma sequência de acontecimentos, então há a necessidade da intervenção de elementos mágicos, onde os heróis conseguem superar os obstáculos e vencer o mal, predominando então a infalível justiça com a culminância do “foram felizes para sempre”, o que gera na criança que escuta a história um bem incomparável de paz interior. Nesse sentido a criança dotada de medos acredita que pode superar o mal que a incomoda, ela passa a organizar novas hipóteses acerca da situação que vivencia e criar estratégias para superar esses medos, segundo muitos estudiosos da psicologia do desenvolvimento da criança, o próprio sujeito se trata como que em uma terapia interior, e os contos nessas situações são grandes aliados.

Sabemos que toda criança gosta de histórias e ainda mais se tratando de Contos de Fadas, Fábulas ou Os Clássicos da Literatura Infantil. As histórias são importantes no processo educacional primeiramente porque as crianças gostam e a sua utilização como recurso didático gera um ambiente agradável em sala de aula e um ambiente agradável contribui para bons relacionamentos. Boas relações permitem o diálogo que gera maior compreensão do outro, maior respeito, liberdade de expressão, ações de cooperação, enfim, promove uma forte integração entre os alunos, o que por sua vez reflete positivamente no processo de aprendizagem dos alunos.

Na aprendizagem da leitura e da escrita, os Contos de Fadas são gêneros literários que fortalecem o processo de alfabetização da criança. Crianças que veem

de uma cultura letrada tem mais chance de se alfabetizar do que crianças que quase não têm contato com portadores de textos, ou que não participam de ações letradas como contação de histórias pelos pais ou avós em casa, pouco ou quase nenhum acesso a livros infantis, revistas, jornais. Muitas crianças chegam à escola com comportamentos leitores, embora ainda não tenham domínio do código alfabético, mas já se relacionam com a escrita. Por exemplo, uma criança que compreende quando a adulto diz “Olha o que a fada madrinha mandou de aniversário”, significa que ela participa de eventos de letramento, que ela de certa forma sabe quem é a fada madrinha, e que ouviu falar sobre esse personagem. No caso do aluno MMM seu letramento era pertinente e revelava suas ações cotidianas, com ausência de relatos específicos de alguma história que gostasse ou que mostrasse significativos a ele. Quanto ao processo de decodificação, no início o mesmo nem diferenciava letras de números.

Crianças letradas possuem mais autonomia na realização das atividades em sala de aula, se sobressaem na compreensão da leitura feita pelo professor, possuem mais facilidade para expressar seus sentimentos, idéias e opções individuais, portanto no processo de alfabetização terão maior facilidade para fazer a correspondência dos segmentos falados com os seguimentos escritos da língua.

Evidentemente há vários métodos de alfabetização, e quanto mais variados textos e histórias literárias estiverem presentes nesse processo, mais chances os alunos terão de se alfabetizarem, e ainda é necessário não apenas desenvolver o domínio do código alfabético, mas apresentar compreensão do que está lendo e fazer uso social com competência dessa leitura e da escrita. Nesse sentido os contos de fadas são ótimos recursos, pois além de colocar a criança em estado de letramento e fortalecendo o processo de alfabetização, trabalha também o emocional do aluno gradativamente. O trabalho desenvolvido até então era justamente evidenciar como o aluno MMM, instigado a reconhecer o sistema alfabético, bem como o reconhecimento de suas emoções em seu processo de alfabetização e letramento.

Contação de histórias com Contos de Fadas são experiências que ajudam na maturação do pensamento, na formação do intelecto e no desenvolvimento cognitivo do aluno, é importante empreender ações capazes de potencializar o contato da criança com esse gênero literário.

2.3. O medo

Medo é uma palavra que o dicionário Aurélio traduz como:

“1. Sentimento de viva inquietude ante a noção de perigo real ou imaginário, de ameaçar; pavor, temor. 2. Receio.” (2001, p. 453)

O medo é um dos seis sentimentos universais, nos revela Linda Davidoff em seu livro: “Introdução à psicologia 2001”. A autora afirma que nossas emoções básicas surgem muito cedo e aprendemos a identificar essas mesmas entre os nossos entes e pessoas de assídua convivência. E o medo tem exatamente essa definição: um sentimento dilacerado que real ou imaginário, causa pavor, temor, desencorajamento. Ironicamente visto como sentimento de pessoas fracas, mas é provável que não haja no mundo pessoa que não tenha sentido e vivenciado algum medo real ou imaginário.

Os medos são tantos que há nomes específicos para cada fobia desenvolvida e em uma sociedade cada vez mais tumultuada, com históricos econômicos, sociais e culturais deturpados este sentimento se torna cada vez mais normal na vida cotidiana das pessoas.

Há também quem goste de sentir medo e que ache estimulante e excitante tal sensação. Mas, o medo o qual especificamente abordo é o medo infantil que originalmente não lhe é natural, onde acaba por surgir das interações do sujeito com o meio em uma visão de caos. Bruno Bettelheim nos relata que:

Antes e durante o período edípico (aproximadamente dos três aos seis ou sete anos), a experiência de mundo da criança é caótica, mas apenas quando encarada do ponto de vista do adulto, já que caos implica uma consciência deste estado de coisas. Se esta maneira "caótica" de experimentar o mundo é tudo que uma pessoa conhece, então ela crê que o mundo é assim. (BETTELHEIN, 2002 ,p.78)

Questiono então: se uma criança convive com um medo de alguém pode o mesmo medo tornar-se comum ou normal para ela?

Diz-se popularmente que não nascemos com o medo, ele nos é ofertado, repassado já nos primeiros anos de nossas vidas por cultura ou situações então vivenciadas com as pessoas que nos cercam, ou seja, o medo, por muitas vezes

não é meu e sim um sentimento aliado a sensações verdadeiras ou não que posso desenvolver para com alguém ou alguma situação, ainda um sentimento gerado a partir de um convívio de afirmações que geram medos. Logo, se a criança vive com pessoas com medo e horror a relâmpago ela pode inconscientemente gerar esse medo? Se ele ouve diariamente histórias em que bruxas maldosas assombram e perseguem crianças à noite, pode desenvolver tais medos?

Os medos estão presentes no dia a dia de todos, nas inusitadas formas e intensidades e as crianças acabam por exteriorizá-las sem controle algum.

Crianças são dotadas de uma inteligência e algumas acabam por não serem afetadas por estes sentimentos, pois conseguem refletir sobre o assunto. Não pelo fato da criança não querer ser solidária, mas sim por nela já haver uma autonomia que lhe permite descobrir que sentimentos são próprios de cada pessoa e que, embora eu sinta pelo outro a solidariedade e entendimento do seu sentimento de medo, eu não o possuo.

Basicamente o medo infantil gera uma idéia de análise infantilizada de algo ou alguma situação que posteriormente será ultrapassada com seu desenvolvimento físico, intelectual, e moral, mas há medos oriundos particularmente de vivências específicas que, se não forem enfrentadas, acabam gerando complexidades ao ponto de “travar” uma criança em seu pleno desenvolvimento emocional psíquico e motor.

Desta forma, no momento em que uma criança enfrenta situações que lhe geram sensações de medo, seu recuo e negação frente à situação é o primeiro comportamento, e é necessário então um planejamento e dedicação para a superação de tal vivência, de modo que ela perceba o seu medo como uma sensação a ser superada após visualizar que este é comum a tantas outras pessoas e faz parte de um crescimento natural.

Os pais possuem uma natural importância apenas pela sua presença diante dos medos infantis e notoriamente isso é muito positivo, pois os pais dão a ingênua sensação de proteção, de colo e aconchego, de heróis imbatíveis. Mas esta visão da presença dos pais lhes trazerem segurança se torna uma idéia errônea quando a criança, pois ela necessita enfrentar outros meios sociais onde os pais podem não se fazer presentes, gerando outro processo de medo, por vezes ainda maior.

Este acontecimento é freqüente no âmbito escolar onde os alunos se vêem defrontando novos mundos, contando então com a solidariedade, compreensão e auxílio dos colegas e os profissionais, excepcionalmente o professor, no processo de superação dos seus medos.

O professor por sua vez tentar desvincular o medo da personalidade por vezes momentâneas, vários recursos que lhe são possíveis e eficazes, mas, em nenhum deles é tão freqüente como a literatura infantil que possui o poder de encantar as crianças e todas as suas problemáticas.

Alunos da rede pública municipal de uma turma de 1º ano no qual realizei meu estágio docente demonstravam em geral características aceitáveis de medo. Seus medos eram comuns e próprios de sua idade. Comum no sentido de não ser atribuído a ele nenhuma fantasia inadequada bem como a estagnação de socialização e ou realização de atividades. A faixa etária era de seis a sete anos e por tratar-se de alunos que utilizam meio de transporte coletivo generalizo como um medo somado a uma ansiedade natural é claro o de: perder o transporte para voltar para casa. Esse entre outros era um dos medos mais perceptível e aceitável por toda características como citei anteriormente da turma. Um aluno, porém trazia consigo um medo impróprio ao ambiente escolar e que foi percebido por mim após duas semanas de aula, quando enfim o pai passou a não mais observar a sala de aula. Durante uma atividade coletiva artística com exploração de uso de tinta guache com o uso dos dedos para confecção de um desenho coletivo, o aluno após perceber-se sujo grita e chora muito, treme e nega-se como os demais a lavar as mãos. Percebo então que o mesmo não ia ao banheiro sozinho bem como não aceitava a minha presença ou de qualquer colega para a companhia até o mesmo local.

Tal qual foi meu espanto e o da supervisora que então ofertamos a ele água em um balde e pano para se secar em sala de aula. Seguidamente começo observar o mesmo durante o recreio, percebo que o pai continua a vir nos momentos de recreio onde o aluno fica sentado o tempo todo ao lado do pai. Durante as semanas que seguem o aluno começa a chorar em sala de aula, interrompendo o planejamento e espantando seus colegas toda vez que o mesmo sente a necessidade de urinar. Muitas foram às negociações e diálogos até que o mesmo

fazia então seu xixi em um balde. Desde então, os pais foram chamados e interrogados sobre a vida cotidiana da criança em casa.

Os pais afirmavam que o então aluno era um menino muito corajoso, que ia e vinha em sua casa sem nenhum resquício de medo, que por ventura de escolha própria dormia sozinho e que não havia queixas sobre o ambiente escolar, mas quando solicitados que o levassem (o filho) ao banheiro, os pais não conseguiram o fazer. Mediante a toda essa situação e minha angústia frente ao medo específico de ir ao banheiro ia crescendo juntamente com as percepções que a turma ia fazendo em relação ao medo do aluno MMM. Todavia seus medos foram crescendo de forma que toda atividade fora da sala de aula, ida a biblioteca, ida a sala de outra turma para visualizarmos outro trabalho eram motivo de uma ampla negociação. Ouve então crescimento de outros medos quando o mesmo também se visualizava inferior aos demais colegas frente ao processo que os colegas já tinham de pintar, recortar, explorar os jogos em sala de aula bem como todo o ambiente escolar. O aluno MMM mal conseguia segurar o lápis, sua coordenação motora fina era bem preocupante. Sua socialização com os colegas era mínima e até na pracinha seus medos persistiam: ele fica estátua por longo tempo observando sem nada fazer até o ponto de estabelecermos regras claras e rígidas a ele de sua efetiva socialização. Piaget nos esclarece que a heteronomia antecipa a autonomia e que a partir do estágio pré-operatório será capaz de recolher de suas socializações verdadeiras aprendizagens. Desta forma o caminho para o pleno desenvolvimento deste aluno seria a efetiva socialização com seus pares e ou sua ruptura de medos?

Seu isolamento primeiramente parecia uma defesa gerenciada por seus pais em sua ausência, mas ao longo tempo de observação percebi que o aluno MMM não tinha autonomia na realização das atividades bem como na conduta de sua própria socialização porque justamente o mesmo não se compreendia ainda como um ser social. Ele era heterônomo, centralizado em seu EU e somente em seu pensar e agir. Yves La Taille nos afirma:

No caso específico das crianças, ela reforça o egocentrismo, que, entre outras coisas, representa justamente a dificuldade de se colocar no ponto de vista do outro e assim estabelecer, com ele, relações de reciprocidade. A coação impede, ou simplesmente não pede, que tal reciprocidade ocorra, e portanto, não possibilita à criança construir as estruturas mentais operatórias necessárias à sua conquista. (TAILLE, 1992, p. 59)

Pois se as relações sociais favorecem o desenvolvimento moral, físico e intelectual, a literatura infantil, especificamente os contos de fadas auxiliam certamente este processo, cabendo ao professor fazer o uso de acordo com as dramáticas vivenciadas pela turma.

Primeiramente estava em um ambiente com pessoas responsáveis, assim como acontecia em sua casa. Logo, todas as atividades propostas eram comprometedoras para o seu desenvolvimento intelectual, físico, moral e psicológico. A escola é um ambiente social, e assim como outros ambientes há regras. Os alunos possuem direitos e deveres assim como todos que ali ocupam um espaço.

Desta forma, sua concepção de maturidade exigiu dele o então encorajamento para desenvolver uma segurança e confiabilidade em todas as ações escolares. Foi então que um dia realizei na biblioteca da escola a contação do conto: Chapeuzinho Amarelo, no intuito de ampliar a visão do aluno MMM sobre seus medos. Bruno Bettelheim diz:

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança. (BETTELHEIN, 2002, p.12)

Esta obra foi escolhida por mim para justamente explorar a temática MEDO e que o aluno MMM pudesse visualizar-se como um sujeito social com necessidade de outras socializações, mas acima de tudo autor de suas decisões frente a seus medos e a ampliação de sua autonomia. O professor em seu desenvolvimento como educador deve como nos coloca Madalena Freire em seu texto: Educando o olhar da observação - Aprendizagem do olhar, saber que histórias explorar em sala de aula:

Esse aprendizado de olhar estudioso, curioso, questionador, pesquisador, envolve ações exercitadas do pensar: o classificar, o selecionar, o ordenar, o comparar, o resumir, para assim poder interpretar os significados lidos. Nesse sentido o olhar e a escuta envolvem uma AÇÃO altamente movimentada, reflexiva, estudiosa. (FREIRE, 1996, p.2).

O professor ciente de seu papel pedagógico na formação de crianças deve propiciar aos mesmos momentos em que o real e o imaginário se interligam, formando assim hipóteses que certamente guiaram os mesmos para as verdadeiras aprendizagens.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Ao adentrar especificamente na metodologia da criação e formulação do TCC, voltei-me para a questão inicial que me entusiasmou a questionar-me e escrever para o TCC e desenvolver o estudo da literatura infantil na ruptura dos medos. Logo, eu professora docente e em Estágio Curricular pela UFRGS defronto-me diante de um aluno com um dilacerado sentimento de medo a qualquer circunstância dentro do ambiente escolar.

Desta forma, a metodologia aqui utilizada para esclarecer a mim e aos leitores deste TCC evidencia a análise de um relato de experiência de estágio através de minha vivência e visão teórica sobre os medos, mas principalmente através de minha intervenção pedagógica com o uso do conto “Chapeuzinho Amarelo” de Chico Buarque.

Inicialmente aproximei meu estudo a metodologia de estudo de caso, mas percebi que minha prática se diferenciava dessa proposição investigativa. Tal metodologia origina-se da inquietação do educador que advertido de sua prática cotidiana questiona-se a generalizar ou não o caso então vivenciado respaldando suas generalizações e ou especificidades. Trata-se de uma investigação com passos pertinentes e provocativos acerca das vivências individuais, porém neste trabalho não haverá recolhimento de dados ou avaliação dos dados problematizados em questão, mas sim um compartilhamento de opiniões e visões teóricas sobre este estudo. Em sentido com o elaborado e vivido esta análise pretende compreender uma problemática, um fato, buscando uma visão holística das circunstâncias que ocasionaram tais vivências neste ou em outros casos.

Fiquei ciente que esta era a metodologia aproximada a da análise após ler Duarte. O mesmo relata que o estudo de caso:

pode constituir um interessante modo de pesquisa para a prática docente, incluindo investigação de cada professor nas suas aulas (o que implica especial cuidado com os elementos objectivos a propor aos leitores). Mas tal pesquisa não equivale a simplismo, antes exige enquadramento teórico adequado, domínio de instrumentos e disponibilidade de tempo. (DUARTE, 2008, p.2)

O refletir e tentar adentrar em uma resposta a questão inicial do TCC aprofundou o estudo da metodologia de estudo de caso, mas compreendendo então que se tratava apenas da análise da experiência de estágio curricular, uma vez que o estudo de caso exige uma previsão de pesquisa anterior a ação pedagógica.. Entendo não enfatizar apenas meu olhar sobre este aluno que poderia estar equivocado, mas também apresentar minha experiência com demais pessoas que vivenciam tal experiência.

Não se trata de uma generalização dos medos comuns em crianças de faixa etária de seis a sete anos e sim especificamente de uma abordagem e ou prática auxiliar a todo este processo de inclusão escolar na vida deste aluno e a visualização dos seus medos.

O caso específico do aluno MMM deve ser peculiar a tantos outros casos onde a criança vivencia medos que interferem na sua socialização e conseqüentemente em seu processo de leitura e escrita.

As evidências quanto à angústia e após o caminho percorrido por esse educando, estão registradas nos sites blog portfólio e Pbwork, ambas ferramentas utilizadas para as reflexões frente aos estudos do curso de Licenciatura em Pedagogia pela UFRGS. Percebe-se, porém que é apenas uma fase que a criança deve ser estimulada nos mais variados sentidos: real e imaginário e que lhe deve ser ofertado vários tipos de leituras incluindo neste processo o uso de literatura como conto de fadas.

3.1. A escola e especificamente a turma de estágio curricular

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Fernando Ferrari está localizada na Vila Fernando Ferrari uma comunidade da zona rural de Três cachoeiras. O acesso à escola dá-se pela BR101, é uma escola pólo que abrange crianças de comunidades vizinhas que são: Caravágio, Mesquitas, Vila Fernando Ferrari (chimarrão), Chapada dos Mesquitas, Alegrete e Chapada do Alegrete.

A principal renda das famílias antes citadas vive entorno da agricultura e transporte de cargas, possuem renda de classe social baixa. Na comunidade há:

Igreja católica Posto de saúde, Mini-mercado, Correio, uma Fábrica de Reciclagem de garrafas Pet e outros comércios. A escola divide com a comunidade local uma quadra que está em péssimo estado devido aos temporais, há ainda disponível um campo de futebol cedido pelo poder público municipal para o desenvolvimento de atividades escolar.

A equipe escolar está sempre em busca de um amplo engajamento dos pais no processo da instituição e na educação dos seus filhos. Os mesmo não possuem consciência de sua responsabilidade nos processos de construção do PPP durante o ano letivo e das outras atividades desenvolvidas na escola, tendo pouca participação.

Exclusivamente este ano a escola possui 194 alunos matriculados de pré a 8º série do Ensino Fundamental. Conta com a equipe administrativa, 20 professores, 09 funcionários: uma secretária, uma bibliotecária, uma monitora, duas merendeiras, três serventes e uma técnica de informática.

A escola possui um amplo espaço com saguão para realizações de atividades e reuniões, nove salas de aulas grandes com ventilação e iluminação adequadas. Biblioteca, refeitório, cozinha, sala dos professores, direção, secretaria, sanitários adequados para deficientes físicos, campo de futebol, quadra de areia, pracinha, sala de laboratório de para as disciplinas de Português e Matemática, materiais e jogos didático pedagógico. Possui laboratório com acesso a internet, contendo 13 computadores e um cronograma de horários para que todas as turmas tenham acesso ao mesmo uma vez por semana.

A administração apóia todo trabalho que irá ajudar no crescimento do aprendizado do educando.

Com um número de quinze alunos, a turma do primeiro ano desta escola na qual sou professora docente há quatro anos, é composta por cinco meninas e dez meninos. Não há na turma nenhum repetente nem portador de necessidade especial, há três alunos que não ingressaram no pré escolar, sendo este o primeiro ano de contato escolar. Os alunos são oriundos de um nível sócio econômico de renda baixa.

A turma é bem agitada, barulhenta, há alguns alunos bastante agressivos entre eles, mas há na turma em geral uma inquietação com o saber, um sentimento de competitividade entre os mesmos. Na parte cognitiva os alunos que ingressaram

no pré-escolar estão bem desenvolvidos, reconhecem todo o alfabeto, fazem associação letra/som, bem como reconhecem os numerais até 10, fazem relações mais plausivas com relatos e ou análise de histórias. Os alunos que ingressaram na escola este ano demonstram uma apatia, um recuo seja pelo espanto da socialização bem como a análise de seu desenvolvimento (conhecimento, coordenação motora e socialização em grupo). E há o referido aluno MMM que não identifica cores e que desde o primeiro dia de aula nega-se a ir ao banheiro, o mesmo através de diálogo com os pais foi encaminhado para acompanhamento psicológico. A coordenação da escola esteve presente nessas semanas difíceis, onde houve muito diálogo entre família, aluno, escola e turma, pois os colegas da turma sempre se inquietavam com as recusas do colega em realizar tarefas simples como ir ao banheiro, lavar mãos e etc.

Ciente que cada aluno possui seu ritmo e que a turma é diversificada, proponho uma vez na semana atividades diferenciadas por nível (Ps2, silábico, alfabético). A avaliação é diária e construtiva a partir das contribuições dos grupos áulicos em que se encontram mensalmente. Os alunos estão na faixa etária de seis a sete anos, há um casal de pais analfabetos, em sua maioria possuem 1º grau incompleto, apenas uma mãe cursa ensino superior.

Numa turma diversificada, cada educando traz consigo "n" possibilidades baseados por suas vivências, cabe a nós educadores relacionar de maneira lúdica e prazerosa as mais variadas vivências do grupo de estudos, respeitando cada um, o seu tempo e sua maneira.

Baseado nestas diferenças é preciso entender a psicogênese de leitura e escrita de cada aluno, como nos apresenta Emília Ferreiro e Ana Teberoski em seus estudos de aula-entrevista, bem como os diferentes níveis que se encontram e as hipóteses de construção que o mesmo faz. É necessário auxiliá-lo na construção e interação com o meio com intuito de ampliar sua autonomia e descoberta de hipóteses de escrita e leitura bem como a construção e decodificação número/quantidade. Construir também hipóteses acerca do meio social em que os mesmos vivem, suas relações com o meio ambiente fazem parte das propostas a serem alcançadas.

3.3 Relato de experiência do aluno MMM e sua heteronomia

Durante o estágio curricular desenvolvido através da UFRGS apresentei o conto: “Chapeuzinho Amarelo” de Chico Buarque no dia 27 de abril de 2010. Desde os primeiros dias de aula (sou a regente desta turma), relato em meu diário de estágio o comportamento de medo constante de tudo e de todos do aluno MMM.

Desta forma, realizei com a turma do primeiro ano da Escola de Ensino Fundamental Fernando Ferrari a contação desta história. O ambiente escolhido para esta contação foi à biblioteca onde intuitivamente queria mostrar a importância deste ambiente para toda a turma, bem como propiciar especificamente ao aluno a saída da sala de aula, já que este movimento sempre gerava nele uma incomum atitude.

Cabe ressaltar que o caminho até a biblioteca é o mesmo caminho até os banheiros respectivamente feminino e masculino de uso apenas dos educandos. Sendo o banheiro o ponto principal de seu medo, fica compreensível a negação de ir à biblioteca. Seguindo esta lógica de incentivo a todos os alunos de leitura e conhecimento de um espaço escolar propício a leituras e desbravamentos do imaginário e particular ao propósito de fazer com que o aluno MMM pudesse desprender-se de um medo errôneo e desconstrutivo, pois não se trata de um medo agregador de ações que devem ser limitadas.

A apresentação do conto partiu apenas da contação com diferentes entonações as falas dos personagens, sem uso de fantoches ou qualquer outro mecanismo de demonstração de histórias. Foi uma contação olho a olho, onde foi possível mostrar-lhes as páginas, uma a uma, ilustradas do livro. Ao iniciar a contação a idéia que veio à mente dos educandos é de que se tratava do clássico Chapeuzinho Vermelho.

Foi então que expliquei aos mesmos que se tratava de um outro conto em que em virtude de uma ação ligada ao sentimento associava uma característica a personagem. A personagem Chapeuzinho Amarelo era uma menina cheia de medos, contrária a personagem Chapeuzinho Vermelho: corajosa e destemida e então conhecida pela maioria da turma. Nesta visão fica evidente que muitos alunos foram presenteados com momentos de leitura pelos pais e ou pessoas vinculadas às mesmas.

E nesta visão percebe-se como os contos de fadas já lhes são comuns, Chapeuzinho Vermelho é nada mais nada menos que um dos clássicos dos contos de fadas onde o encorajamento e a resolução de seus problemas aparecem fortemente, bem como em versões mais atuais o absoluto vencimento do bem contra o mal, independente de condições incabíveis, mas que a criança em sua constante imaginação consegue alcançar.

Dentro deste contexto cabe ressaltar que muitos contos de fadas hoje criticados e adaptados com intuito de ridicularizar tais histórias como infantis e ingênuas, longe do mundo em que hoje vivemos em plena informatização e tanto acesso aos mais diversificados materiais e contextos. Porém sabemos da importância de explorar e difundir os originais contos de fadas para que além do estudo e análise de épocas retrógradas a exemplificação de problemáticas ainda existentes. Ana Maria Machado descreve que:

Entendidas e aceitas em sua linguagem simbólica, essas histórias de fadas tradicionais se revelam um precioso acervo de experiências emocionais, de contatos com vidas diferentes e de reiteração da confiança em si mesmo. No final, o pequenino se dá bem e o fraco vence. A criança pode ficar tranqüila — com ela há de acontecer o mesmo. Um depois do outro, esses contos vão garantindo que o processo de amadurecimento existe que é possível ter esperança em dias melhores e confiar no futuro” (MACHADO, 2002, p.71).

Desta forma cheguei a questionar-me se Chapeuzinho Amarelo era uma adaptação do conto Chapeuzinho Vermelho, e então senti-me segura ao reler especificamente as palavras de Ana Maria Machado que sabiamente esclarece que é possível que se escreva a partir de uma reinvenção de gênero ampliando assim a inesgotável vasta obras de clássicos, continuando a falar exatamente de verdades profundas, inerentes aos corações humanos. Certamente Chico Buarque, penso eu, desbravou-se em criar Chapeuzinho Amarelo a partir do clássico Chapeuzinho Vermelho, retirando alguns personagens pertinentes, intensificando outros tão essenciais como o lobo, mas sobretudo recheando a história de sentimentos e veracidade.

*Era Chapeuzinho Amarelo.
Amarela de medo.
Tinha medo de tudo, aquela Chapeuzinho. Já não ria.
Em festa, não aparecia.
Não subia escada, nem descia.
Não estava resfriada, mas tossia.
Ouvia conto de fada e estremecia.
Não brincava mais de nada, nem de amarelinha.
(Trecho retirado do conto: Chapeuzinho Amarelo de Chico Buarque, pg. 3)*

Dando início à contação e já na leitura do título da história várias abordagens quanto à identificação das letras e associação aos sons foram exploradas, visto que no caso de uma turma em alfabetização nada pode se passar por despercebido. Todos os momentos devem ser explorados com a intenção de esclarecer ao educando a grafia e topologia das letras, valor sonoro bem como a leitura de palavras e o contexto da mesma na frase. Nesta fase o aluno MMM já identificava as letras do seu nome, mas apenas do seu próprio nome influenciado pela coação não lógica que lhe era imposta. E embora este seja para os alfabetizadores um caminho muito facilitador a alfabetização a partir do seu próprio nome no caso do aluno MMM ele poderia estar além desse processo, fazendo outras associações de letras a respectiva letra inicial de outras palavras.

A idéia que tento explicitar aqui é a idéia de que o aluno deveria alavancar em seu desenvolvimento moral e não estar focado sempre em alguma coação e sim propriamente na necessidade de descobrir-se. Descobrir-se fazendo, indo e vindo, pulando, pintando, interagindo. Ao longo de um mês e meio de aula retomei minha ação pedagógica a este menino e sua situação perante a escola e as ações de aprendizagens tão necessárias à vida de cada um.

Se a emoção pertinente em suas ações era o medo, nada tão evidente como provocá-lo através da emoção. Piaget nos afirma que o juízo moral da criança tem duas razões. A primeira identifica os sentimentos básicos de amor e medo. E a segunda, onde a criança então percorre um longo caminho no campo moral, os afetos não estão mais presentes dando lógica à razão. Logo, o educando MMM fazia concepções de moral percebidas por suas emoções, com destaque agravante ao medo.

Desta forma, além da contação outras atividades com a temática do conto: Chapeuzinho Amarelo foram abordadas como: dramatização da história e jogo de memória. Todos estes momentos foram contribuintes de um processo para que o educando pudesse instigar sua autonomia no ato de pensar e agir.

O aluno MMM estava bem à frente e foi fascinante ver suas percepções aflorarem através de suas articulações de sorriso e cara de espanto. Já os outros alunos seguidamente questionavam sobre o “lobo” que seria mal e guloso como no outro conto. Porém no decorrer da história foram percebendo um jogo de letras e

posicionamento das mesmas para a formação de diferentes palavras como: LOBO/BOLO. Os alunos perceberam este jogo e também as inversões de palavras que a menina ainda amarela acaba fazendo quando sua percepção de mundo já é desmistificada de medos que anteriormente a mesma apresentava. Trago minhas palavras postadas no site wiki de estágio na reflexão do dia após a aula:

A escolha da história trabalhada foi de uma totalidade ímpar!!! Focou literalmente o que havia planejado!!! Sinto-me meia "maquiavélica" ao relatar, mas o fato da história trazer uma personagem que tinha medo de tudo e de todos e por ter tanto medo já era amarela, revelou uma turma de grandes "CORAJOSOS". A hora do conto foi maravilhosa e o lobo que vira bolo fez a questão da "mágica" das palavras surgir em meio aos comentários do medo.

A dramatização em grupos fez com que alguns alunos se desprendessem do contexto da história, porque na ânsia de realizar sempre aparece o egocentrismo dos alunos, dificultando a realização da atividade grupal!!! Sei que os mesmos estão em processo, e muito evoluíram em suas construções, mas quero muito mais deles ! Quero que construam o hábito e a certeza de que trabalhar em grupo, coletivamente exige antes de tudo respeito as diferentes opiniões, as diferentes maneiras de ver, agir, querer... enfim é este um dos propósitos que tentarei cativar nos próximos contos literários e atividades com a turma.

Nas atividades seguintes do dia de leitura e ilustração do glossário, o andamento foi satisfatório, mas há ainda alunos que não identificam o termo primeira letra da palavra, bem como a correspondência número de letras por palavra. (MENGUE, 27/04/10) (anexo 1)

Nesta perspectiva observo como foi importante a contação da história tanto para o aluno MMM especificamente quanto para a turma em si que também vivenciava as angústias do colega. Após os estudos teóricos sobre a importância dos contos de fadas e sua influência na ruptura de dramáticas através da imaginação e fantasia e as afirmações de Duarte quanto ao estudo específico de caso, obtive a certeza de todas as afirmações relatadas aqui neste estudo. E quando cito os educandos como CORAJOSOS falo da importância deste sentimento na busca de seus alçares e da magnitude de os mesmos se sentirem como tal para então socializar seus saberes em grupos. E embora o egocentrismo predominasse na turma como uma característica marcante de seu nível intelectual, muitos educandos estavam em transição de estágio.

O aluno MMM encontrava-se no nível PS2 de escrita onde utilizava desenhos e riscos circulares para corresponder sua escrita, não diferenciava números de letras e em sua primeira aula entrevista de acordo com a teoria construtivista de Emília Ferreiro (procedimento realizado com toda a turma individualmente), o mesmo custou a realizar um relato de alguma história que gostava ou alguma vivência sua, mas sabe-se que o hábito de leitura se processa

por estágios e ele se encontrava no início de um estágio que anteriormente não estava.

Recusava-se a fazer algumas atividades mediante a sua visualização e comparação de sua parte aos trabalhos de outros colegas, mas iniciou um progresso indo ao banheiro para lavar as mãos com os outros colegas e após começou a utilizar o banheiro sozinho sem nenhum resquício de medo. Declarava-se corajoso e confiante, destemido e interagindo sempre em sala de aula. Mediante a esta situação, eu observava suas evoluções diárias elogiando sempre e exaltando que embora fôssemos uma turma, cada qual deve fazer ao seu jeito com méritos próprios.

Os elogios sempre aguçavam o aluno MMM que ao descobrir-se foi crescendo, indagando e livrando-se de seus medos, contudo vivenciei com esta turma a inquietude de dramáticas de medo e sua abolição através da contação do conto Chapeuzinho Amarelo, sendo possível reafirmar: o aluno MMM começou a vencer seus medos com a contribuição do conto de fadas aqui citado anteriormente. A origem de seu medo específico de ir ao banheiro, eu não cheguei a descobrir. Se tratava de algum abuso, ou se o mesmo era exposto a castigo ou coisas do gênero, não pude saber. No entanto o sucesso de sua busca a encorajar-se a ir ao banheiro sim. Este processo era o meu objetivo, o qual foi concretizado, respondendo ao meu planejamento elaborado no estágio, onde almejava vê-lo pertinente em sua autonomia de ir e vir, descobrir e interar-se do ambiente escolar sem nenhum constrangimento.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como finalidade evidenciar a magnitude de um conto de fadas e os teóricos que defendem a repercussão dos mesmos.

Defende a idéia de que um olhar atento e direcionado a cada educando em sala de aula se faz necessário para o desenvolvimento intelectual e social de cada

um, desta forma traz a exemplificação do aluno MMM e sua dramática de medo em pleno processo de socialização escolar bem como seu importante processo de alfabetização e ampliação de seu letramento. Após esta rica experiência posso afirmar como quem vive na pele tal experiência, a influência e importância da prática educativa direcionada, bem como a importância dos contos de fadas na ruptura da heteronomia. Não há aprendizagens sem ação, e a autonomia nasce da reflexão e ação do educando. O estudo então relatado evidencia a superação de medos a partir do momento que o aluno MMM vivencia a contação do conto e gera nele a provocação de sua autonomia. Sabemos que o processo da heteronomia para autonomia é um processo lento, onde a confiança no ato de poder fazer, descobrir-se a si e ao mundo que acerca começa a ampliar vivências e aprendizagens que prevalecem com total força e tornam-se significativas pelo resto de sua vida.

Os contos de fadas são histórias mágicas que devem ser contadas desde cedo as crianças no intuito de auxiliá-las em suas dramáticas de vida: seus medos, anseios, incertezas. Esta foi uma experiência enriquecedora, pois se antes eu tinha uma visão dos contos de fadas, hoje posso afirmar que feliz daquele que se apaixona, lê e se interessa pelos contos de fadas.

Com o auxílio dos contos de fadas as crianças ampliam seus mundos, suas certezas bem como a internalização de muitos de seus problemas, sendo assim os contos de fadas são uma ótima psicanálise oportunizando à criança a visualização de problemas, oportunizando uma avaliação e mediação dos mesmos.

5. REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil** - gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

BETTELHEIN, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 14.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

DAVIDOFF, Linda L. **Introdução à psicologia**. Tradução: Lenke Perez. 3 ed. São Paulo: Makron Books,2001.

DUARTE, José B. Estudos de caso em educação: Investigação me profundidade com recursos reduzidos e outro modo de generalização. **Revista Lúsofona de Educação**, II, 2008, p. 112 a 132.

LA TAILLE, Yves de. OLIVEIRA, Marta Kohl de. DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon**: Teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Chapecó; Argos, 2001. Paulo: Scipione, 1997.

6. ANEXOS